

O REINADO E A PROFECIA

O que os profetas fazem no meio dos reis? A separação de trono e altar é uma conquista recente. Hoje é inconcebível que assuntos de Estado precisem da chancela da esfera do religioso. O poder político é secular e regido por leis próprias. Instituições religiosas lutam pela liberdade de sua expressão de fé e crença. É claro, quando interesses estranhos se manifestarem no interior de instituições religiosas, por exemplo, lideranças que se aproveitam da boa fé para enriquecerem, ou transformarem suas instituições em currais eleitorais, o Estado não ficará passivo, mas tomará medidas cabíveis num estado de direito.

Da mesma forma a Igreja cristã não ficará passiva diante de um Estado e seus poderes que abusarem de sua autonomia, entregando-se à corrupção ou colocando-se a serviço de grupos economicamente poderosos, desrespeitando os direitos de minorias. A Igreja de Jesus Cristo sabe-se comprometida com um Deus que reivindica soberania sobre todas as esferas da vida, por isso ela exerce sua função profética na sociedade.

Onde a Igreja e teologia vão aprender o que profético senão na literatura profética de sua Bíblia.

Num primeiro momento, falemos da relação entre reinado e profecia;

Num segundo momento, vamos conhecer o que são profetas pré-literários;

Num terceiro momento, vejamos o que são profetas clássicos

1 - A relação entre reinado e profecia

O reinado no Israel antigo nasce e não demora muito para que ao seu lado surgissem figuras proféticas, videntes, e outros profissionais futurólogos. Já as narrativas de Saul e do surgimento do seu reinado sobre as tribos do norte sabem da figura de Samuel que, entre outras funções, também exerce atividades próprias de um vidente ou profeta.

Quando sai em busca de jumentos perdidos de seu pai, Saul não fica só sabendo do paradeiro dos animais, mas é surpreendido com a notícia de que será coroado rei sobre Israel; e tudo isso é veiculada pela boca de Samuel (1Sm 9-10).

Davi tem dentre os seus consultores e conselheiros um comandante do exército, um mensageiro oficial, sacerdotes e uma guarda pessoal estrangeira (2Sam 8,15-18). Talvez seja um modelo de reinado assumido dos jebusitas cananeus na Jerusalém que ele conquistara e influenciado pelos filisteus.

O que chama atenção é o profeta Natã que circula com desenvoltura no palácio. Dele vem o oráculo divino que sustentará sua dinastia por séculos, a famosa promessa de Natã (2Sm 7), ele

participará da discussão e definição de quem será seu sucessor (1Rs 1,22.44). O profeta também pode denunciar um crime de Davi (2Sm 12). Nem mesmo o rei pode se colocar acima da vontade e soberania de Deus. O assassinato planejado e o adultério são denunciados pelo profeta Natã.

Num outro momento, quando Davi quer providenciar uma casa para o Deus, que lhe garantiu a dinastia, a casa real, Natã, que primeiro aparece como apoiador dos planos do rei, precisa interditar os projetos de Davi.

A profecia parece lutar pela liberdade de Deus diante da política real. Quem é o rei para providenciar moradia para Deus. O reinado não é a instituição que deve tutelar o religioso. A voz profética articula a liberdade e a vontade de Deus sobre os planos mesmo bem intencionados do governante.

A atuação do profeta deflagra a crise ou é em meio a crise que ocorre a vocação profética. Quando o reino davídico-salomônico não consegue mais manter um só governo sobre as tribos do norte e do sul, um profeta está a postos para garantir um governo próprio para 10 tribos do norte sob Jeroboão em 931 aC (1Rs 12).

2 - Os profetas pré-literários

É no reino do Norte que o conflito entre o reinado e a profecia se torna aberto, com direito a perseguição e ameaça de morte àquele que é portador da palavra profética.

É aqui que vamos ouvir de profetas do Deus Ba'al que se chocam com o profeta do Deus Yahveh. Isso já é sinal de que o fenômeno de profetas com visões e experiências de êxtase não é algo tipicamente israelita. Não só da Palestina cananéia temos registros de profetas e videntes, também da Mesopotâmia profetas aparecem, fazendo chegar oráculos divinos ao rei.

Teremos que ver em que essas vozes em Israel e no seu entorno se assemelham e se diferenciam. A famosa fórmula do mensageiro "Assim diz o deus X:..." é algo muito parecido na fala introdutória dos profetas. Seu conteúdo se aproxima quando a palavra divina a ser entregue é uma exortação no sentido de corrigir o descuido do rei em relação a um santuário. Tanto fora quanto em Israel profetas podem repreender ou exortar. Onde profetas em Israel começam a se destacar é na radicalidade de sua mensagem. É nesse ponto que profetas israelitas começam a provocar oposição, despertam perseguição.

No século 9 aC, Elias aparece como profeta que entra em choque com o reinado, a aristocracia e até com outros círculos proféticos, desta vez enviados pela divindade Ba'al. No trono em Samaria, capital do reino do Norte está Acab (874-853 aC), administrando uma fase prosperidade para o reino de Israel. O preço a pagar por esse progresso é alto. Casa-se com Jezabel, uma

princesa do reino vizinho de Tiro e Sidônia. Com isso o reino do Norte, adorador do Deus Yahveh que “fez Israel subir da escravidão do Egito para a liberdade” precisa dar espaço para a adoração do Deus da rainha. Samaria, a cidade planejada e construída pelos israelitas, ganha um templo dedicado ao Deus Ba´al. Dentre os funcionários do novo culto estão também profetas de Ba´al. Elias, vindo de uma localidade do outro lado do Jordão, apresenta-se ao rei Acab. Seu nome já encerra sua mensagem “Elijahu = meu Deus é Jahu / Yahveh!” Antes de ele se identificar com esse ou aquele partido, ele é profeta de Yahveh e por isso ele cobra fidelidade diretamente do rei e colhe a ira da rainha. Deus de Israel não quer dividir sua soberania sobre reinado, terra e povo com nenhuma outra divindade. As histórias que falam de Elias apontam especialmente para o fato de que, em Israel, Yahveh é o Deus que garante fertilidade e não Ba´al. Quem pode reter ou proporcionar a chuva é unicamente o deus de Israel, e o profeta desafia a Ba´al e seus profetas a provarem o contrário (1Rs 17-19; 21). Com isso a seca por que passa o país é sinal do deus de Israel que retém a chuva. A seca e suas conseqüências têm uma só origem – são punição do deus de Israel; a chuva e suas conseqüências – colheitas fartas, fim da fome e da carestia – são sinal do agir do Deus em favor de Israel.

As histórias de Elias são testemunhos dessa luta do profeta para que o deus de Israel permaneça Yahveh e não seja esquecido ou até trocado por outro Deus que não possa garantir liberdade, pão e água para seu povo.

São chamados de profetas pré-literários ou clássicos porque suas palavras só se conservaram através de narrativas contatadas oralmente de geração em geração. Agora, as encontramos em meio aos livros históricos que falam dos reis do reino do Norte. Seus destinatários são os reis e a corte palaciana, que chamam Elias de “perturbador de Israel” em suas histórias também aparecem pessoas do povo sendo socorridas em situações de fome, doença e morte.

3 - Os profetas literários

Um século depois, novas crises parecem provocar o surgimento de outras figuras proféticas. Novamente estamos no reino do Norte em pleno século 8 aC. O governo de Jeroboão II (783-743) é marcado por um tempo de estabilidade externa; as fronteiras de Israel foram todas recuperadas. O país vizinho dos arameus, com sua capital Damasco, até celebra acordos comerciais com a praça de Samaria. Não é sinal da bênção do Deus de Israel? Quem poderá interpretar essa era de paz como crise? Ninguém menos do que Amós que se põe a profetizar em Samaria e em Betel, onde fica o santuário principal do reino do Norte. Para o sumo sacerdote de Betel tudo isso não passa de subversão no reino do Jeroboão, mas o profeta se defende: “Não sou profeta por profissão, mas por vocação. Estaria cuidando da minha criação de animais e colhendo óleo de sicômoros, se o deus de Israel não me tivesse posto em movimento lá na minha cidade natal de Técoa, em

Judá, fazendo de mim seu porta-voz aqui em Samaria e Betel” (Am 7,10-17). O que estará acontecendo de tão grave no reino do Norte com sua economia saudável e sua política estável? Nem a vida religiosa em Betel apresenta grandes crises.

Mesmo assim, Amós tem uma sentença de morte para o povo de Deus do Norte de Israel do 8º século. Em nome de seu Deus ele profere: “Chegou a fim para meu povo de Israel!” (Am 8,2)

Por que uma sentença de morte para Israel?

Amós vai auscultar a sociedade de seu tempo. O que ele descobre? Um corpo social doente. A justiça e o direito estão ausentes no povo de Deus. Onde ele verifica isso? No tratamento que a elite da capital dá aos segmentos mais fracos na sociedade. Na administração da justiça, os pequenos estão desprotegidos: “...vendem o justo por dinheiro

E o indigente por um par de sandálias.

Eles esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos

E tornam torto o caminho dos pobres.” (Am 2,6-7)

É possível falar de seu Deus a quem devem sua existência como povo, sua liberdade para desfrutar a dádiva da terra e não evidenciar isso no convívio, no jeito de organizar a sociedade, na prática do direito?

Para Amós, um Israel que adora a Yahveh com as mais belas liturgias e não produz “direito e justiça” perdeu o razão de existir. A

rejeição divina ao culto que não produz nenhum senso de solidariedade e de compromisso com os mais fracos é tamanha que o profeta fala em “nojo, ódio, desprezo”. O culto que canta os atos salvadores e libertadores de seu Deus não gera nenhum gesto de gratidão e amor no plano horizontal, muito pelo contrário, Amós contata crimes inafiançáveis em todas as esferas da vida. Até na vida doméstica, o profeta denuncia “um homem e seu pai vão à mesma jovem” (Am 2,7).

No 8º século, Amós elaborou critérios para a vida social e comunitária, dos quais ninguém mais consegue se livrar. Ele ajudou a aguçar o senso de direito e justiça para todos os tempos.

Um Israel, que confessa e adora a Deus e sua presença salvadora em seu meio, deveria produzir um outro projeto de sociedade, uma outra postura diante dos excluídos; gratidão e amor deveriam reger todas as suas ações. O que o profeta constata: crimes.

A mesma presença de Deus que em sua santidade no passado gerou libertação, salvação e vida para um povo, agora está aí para dizer que não tolera crimes em meio a Israel. O profeta em nome de Deus só tem um “não” redondo a proferir em nome de Deus. Amós vai buscar os culpados por desgraça que está por cair sobre seu povo no reino do Norte. Grupos da elite dados ao luxo e à extravagância, mantêm sua vida nababesca à custa da população pobre. Um povo que experimentou um deus que lhes presenteou com justiça, devolvendo-lhes o direito de ser povo liberto e

autônomo não pode ter crimes em seu meio que ferem o direito e a justiça dos mais fracos.

Na mesma linha vai um profeta que atua logo depois de Amós chamado Oséias. Seu anúncio de desgraça não perde para o de seu colega que veio do sul. Ele detecta a causa do flagelo iminente na falta de autenticidade do culto. A profusão de atividades religiosas nos santuários não é sinal de vida autêntica de fé. Busca-se a Deus como se fosse um Ba'al (Os 5,6). A liturgia é correta e focada no deus de Israel, mas o culto tem um único objetivo: arrancar bênçãos que proporcionem bem-estar, riqueza, colheitas fartas e produção de grãos, azeite e vinho (Os 2,10). É vida religiosa instrumentalizada para que o Estado possa ter e garantir seu Produto Nacional Bruto invejável.

O objetivo do culto autêntico é bem outro: manter viva a memória de que tudo que Israel tem é dádiva de seu Deus, que o "buscou no Egito" (Os 11,1: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho"). Israel esqueceu de que o deus que adora é seu Deus "desde a terra do Egito" (12,10). O culto deveria produzir "conhecimento de Deus" e, conseqüentemente, conhecimento do agir desse Deus motivado pela dedicação, pela solidariedade, pelo amor. Apesar da abundância de culto de culto (Os 10,1), esse agir de Deus não é mais conhecido e não produz nada de novo nas relações humanas e sociais. Oséias constata: "não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus". Muito pelo contrário, o que existe em profusão é "...perjúrio e mentira,

assassínio e roubo, adultério e violência, e sangue derramado soma-se ao sangue derramado” (Os 4,1-2). Onde o profeta vai procurar os culpados? Na liderança dos santuários, nos sacerdotes. Oséias os acusa diretamente pela situação do povo: “Meu povo será destruído por falta de conhecimento. Porque tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio; porque esqueceste o ensinamento de teu Deus, eu também me esquecerei dos teus filhos.” (Os 4,6). Oséias é o profeta que introduziu na linguagem da fé a metáfora do amor entre homem e mulher para descrever a relação que Deus tem com seu povo (Os 1-3). O seu próprio casamento fracassado é visualização viva e a cores do que Israel está vivendo no seu tempo em pleno século 8 aC. Infidelidade conjugal, abandono da casa são comparações fortes para denunciar um Israel que esqueceu-se e abandonou seu Deus.

Ao lado da classe sacerdotal, o profeta também responsabiliza e administradores do Estado que não conseguem construir uma sociedade baseada na justiça e no direito (Os 5,1). Eles são acusados até de operações que assaltam o povo (Os 5,1-2).

Esses profetas são conhecidos em primeiro lugar como profetas de juízo que só tem desgraça a anunciar para sua geração. Ao contrário dos pré-literários, esses profetas são conhecidos como literários.

Suas palavras encontraram pouco eco dentre seu público. Seus pronunciamentos não desencadearam um movimento de

penitência, arrependimento e conversão, mas geraram uma reação de hostilidade e perseguição. Aos profetas tanto Amos quanto Oséias só resta uma coisa: registrar e arquivar suas palavras proféticas. Suas coleções de ditos proféticos nascem a partir da recusa dos ouvintes e não porque sua mensagem fosse tão importante que precisasse ser registrada. Aqui está o nascedouro daquilo que conhecemos como livros proféticos: de Amós, de Oséias no norte ou de Isaías e Miquéias no sul.

Os profetas acreditam que o futuro dará razão a eles, quando esses anúncios se concretizarem. A próxima geração poderá abrir esses rolos de palavras escritas e conferir. E mais do que isso, dar ouvidos a elas e confiar nesse Deus que atua na história.

A partir dessa iniciativa são classificados como “profetas literários”.

Os pré-literários se dirigiam, preferencialmente, aos reis e os responsabilizavam pela crise vivida por Israel. Os profetas literários com sua mensagem inusitada de um Deus, que vem na contramão do seu próprio povo, têm a dura tarefa de levar para o Israel do seu tempo a mensagem de um Deus que trará desgraça sobre seu povo.

Para fundamentar e justificar essa ação destruidora de Deus, os profetas vão a campo em busca das razões. É nesse momento que os profetas se tornam os principais articuladores da denúncia contra a sociedade de seu tempo. Eles detectam grupos especialmente responsáveis pela situação insustentável que

provoca a desgraça iminente, mas os profetas não isentam da culpa o resto de Israel. Um Israel que não soube extirpar o mal de seu próprio meio, tolerando uma liderança nos templos, no palácio, na administração da justiça que desvia o povo de seu Deus e de sua vontade, terá que ouvir a sentença impiedosa: “Chegou o fim para meu povo, Israel”. O profeta chega a comparar Deus na sua ação destruidora em Israel a uma urso que teve seus filhotes roubados ou como uma leoa na sua fúria devoradora (Os 13,7-8).

Profetas nesse sentido são primeiramente profetas que defendem o interesse de Deus em meio às crises vividas durante a monarquia.

Não terão eles nenhuma mensagem de salvação a comunicar? A salvação virá, mas não antes que Israel passe pelo fundo do caldeirão do juízo.

Conclusão

Quando a crise se abate sobre o corredor siro-palestinese motivado pelo avanço imperialista dos assírios, profetas como Amós e Oséias atuam no reino do norte. O que Deus tem a reivindicar nessa situação de extrema ameaça? Como deixar Deus ser Deus sobre Israel nessa situação?

A desgraça anunciada deu razão aos profetas em 722 aC quando os assírios provocam a queda de Samaria e fim do reino do Norte.

No reino do Sul, os profetas, Isaías e Miquéias, têm um desafio semelhante a vencer. Jerusalém escapa por um fio em 701 aC e o interior de Judá e as cidades do litoral sofrem destruição por todos os lados.

A próxima crise aconteceria um século depois no auge do poder dos babilônios. Coube ao profeta Jeremias a árdua tarefa de ser portador da palavra de Deus para sua geração.

Quando ele anuncia de que nem o templo do Senhor em Jerusalém é garantia de que o povo do sul com suas instituições sobrevivam à desgraça anunciada.

Jeremias vê profetas se levantando em defesa do Estado e da política de alianças praticada pelo rei e seus conselheiros. Em quem confiar?

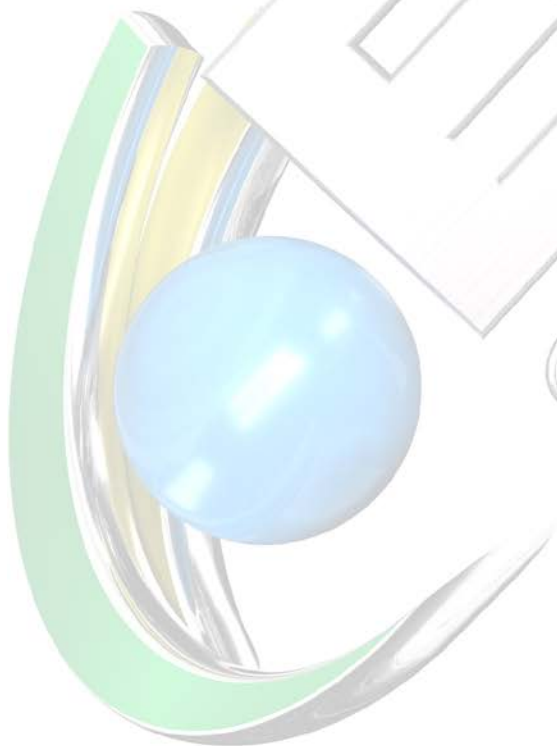
Ambos falam em nome do deus Yahveh. Jeremias entende que o momento não é de paz (Jr 7) mas de desgraça. Ele sofre ao mesmo tempo nas mãos de Deus, cujos interesses ele defende, mas participa igualmente das dores de ver seu povo e sua terra ameaçada pelo império estrangeiro.

Jeremias é testemunha de uma das maiores crises vividas pelo povo do Antigo Testamento. Em 598 aC os babilônios deportam grande parte da liderança do reino do Sul e, 10 anos depois, em

587 aC, Jerusalém é arrasada pelos exércitos babilônicos. Inicia-se para o povo do Sul o exílio na longínqua Babilônia.

Chegou o fim também para Judá!

O que até então dava sustentação e identidade ao povo – o reinado, o templo e a terra – estavam perdidos. Haveria algum futuro para Israel e para a causa do deus desse povo? Como administrar essa crise que tocou no que há de essencial?



EAD
SÉCULO 21